

## **O CRESCIMENTO DA IGREJA ATRAVÉS DOS SÉCULOS: Análise da História e dos Aspectos Positivos e Negativos**

**Érico Tadeu Xavier, D.Min.**

Pastor adventista e Doutorando pela  
Universidad Evangélica de las Américas (Costa Rica)

[prxavier@terra.com.br](mailto:prxavier@terra.com.br)

**Resumo:** Este artigo analisa brevemente o crescimento da igreja cristã através dos séculos, incluindo os aspectos positivos e negativos. A primeira parte desta matéria apresenta o crescimento da igreja nos primeiros três séculos, no período da igreja imperial e no período moderno e contemporâneo. Na segunda parte, descreve-se o movimento de crescimento da igreja com seus diferentes aspectos. Na terceira parte, analisa-se os aspectos negativos da ênfase numérica na igreja adventista. Conclui-se a matéria, enfatizando a necessidade de um crescimento quantitativo e qualitativo para um pleno cumprimento da “Grande Comissão”.

**Palavras-chave:** crescimento da Igreja Cristã; crescimento qualitativo; crescimento quantitativo.

## **THE GROWTH OF THE CHURCH THROUGH THE CENTURIES: An Analysis of Its History and Its Positive and Negative Aspects**

**ABSTRACT:** The present article briefly surveys the growth of the Church through out the centuries, including its positive and negative aspects. The first part deals with the growth of the Church in the first three centuries AD, then in the times of the Imperial Church, and finally in modern and contemporary times. The second part describes the movement of the growth of the Church with its different aspects. The third part focuses on the negative aspects of the stress on quantitative growth in the Adventist Church. The conclusion emphasizes the need for qualitative as well as quantitative growth in order to reach the complete fulfillment of the “Great Commission”.

**Keywords:** Growth; Christian Church; Qualitative Growth; Quantitative Growth.



## Introdução

No Antigo Testamento encontram-se indicações da vocação da igreja para crescer e tornar-se universal (Sl 67:2, 117:1; Is 2:3, 42:6, 66:19; Am 9:12; Zc 2:11, 8:22). O livro de Salmos de Davi é um dos maiores livros missionários do mundo e está repleto de referências de conotação universal. Salmos inteiros são mensagens e desafios missionários (Sl 2, 33, 66, 72, 98, 117 e 145). No entanto, essas indicações tornaram-se mais claras nos ensinamentos de Jesus Cristo e dos apóstolos. Na “Grande Comissão” Jesus foi muito enfático: eles deveriam fazer discípulos de todas as nações (Mt 28:19), ir por todo o mundo e pregar o evangelho a toda criatura (Mc 16:15), pregar arrependimento para remissão de pecados por todas as nações (Lc 24:47), ser suas testemunhas em Jerusalém, na Judéia e Samaria e até aos confins da Terra (At 1:8). No livro de Atos e nas Epístolas, os apóstolos e os discípulos são fiéis no cumprimento desse mandado (At 8:4; Rm 15:19). E o livro do Apocalipse apresenta grandiosas visões dos redimidos que procedem de todas as tribos, povos, línguas e nações (Ap 5:9; 7:9; 14:6). Este artigo, portanto, procurará analisar o crescimento da igreja cristã através dos séculos, apresentando tanto os aspectos positivos como os negativos.

## I - Os primeiros três séculos

Logo depois a morte de Jesus, formou-se um pequeno grupo de pessoas composto pelos apóstolos, por Maria, sua mãe e seus irmãos, que se reuniam em um pequeno salão, com vistas a cumprir o que se lê em Atos 1:8: “Mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judéia e Samaria, até os confins da Terra”.

Em curto espaço de tempo somavam 120 pessoas (At 1:15). O testemunho desse pequeno grupo já rendia bons frutos e os discípulos chegaram a três mil. Rapidamente alcançaram o expressivo número de cinco mil. Expressivo porque as condições eram precárias, os discípulos sofriam perseguições, mas, independente disso, “crescia a palavra de Deus, e em Jerusalém, multiplicava-se o número dos discípulos; também muitíssimos sacerdotes obedeciam à fé” (At 6:7). Em Jerusalém, de acordo com Barro (2002), mais três personagens foram importantes para a disseminação da palavra de Deus: Pedro, Estevão e Filipe e como resultado dessas ações, é importante salientar que no primeiro século a igreja cristã/primitiva contava com mais de um milhão de cristãos, como salienta Barret (1982). A pregação<sup>1</sup> foi muito importante para essa fase inicial de crescimento da igreja em Jerusalém.

---

<sup>1</sup> Esses foram os primeiros passos para a disseminação da palavra de Deus, por meio de testemunhos, com vistas ao fortalecimento da igreja cristã. Isso não significa dizer que os discípulos chegaram a todos os cantos da terra.



Nichols (1992, p. 24) relata que “pelo ano 100 d.C., havia igrejas em inúmeras cidades da Ásia Menor e em muitos lugares da Palestina, Síria, Macedônia e Grécia, em Roma e Puteoli, na Itália, em Alexandria, e, provavelmente, na Espanha”. Esse mesmo autor tece um interessante comentário sobre a extensão da igreja após o primeiro século. Suas palavras são:

Entre o ano 100 d.C. e o reinado de Constantino, o Cristianismo alcançou maravilhoso progresso. Em 313, era a religião dominante na Ásia Menor, região muito importante do mundo de então, como na Trácia e na longínqua Armênia. A Igreja se constituíra numa influência civilizadora muito poderosa na Antioquia, na Síria, nas costas da Grécia e Mesopotâmia, nas ilhas gregas, no norte do Egito, a província da África, na Itália, no sul da Gália e na Espanha. Era menos forte em outras partes do império, inclusive a Britânia. Era fraca, naturalmente, nas regiões mais remotas, como a Gália central e do norte. Em todas essas regiões a Igreja alcançou povos das mais variadas línguas, que não faziam parte da civilização greco-romana [...] O cristianismo não tinha alcançado somente os limites do império; mesmo o leste da Síria e a Mesopotâmia receberam influência poderosa (Nichols, 1992, p. 34).

Nos três primeiros séculos, a igreja experimentou uma notável expansão geográfica e numérica. Aproximadamente “50% da população do império, que era composta de 25 milhões de habitantes, era cristã”, segundo Deiros (2005, p. 80).

Esses três primeiros séculos são caracterizados pelas perseguições sofridas pela Igreja nas mãos do Império Romano<sup>2</sup>. Essas perseguições não foram generalizadas nem contínuas, mas causaram muitos danos à igreja em algumas regiões mais prósperas, como a Ásia Menor, Itália, Egito e sul da Gália<sup>3</sup>.

Todavia, a repressão não teve o efeito esperado, pois quando cessava, o exemplo dos mártires e outros que sofreram por sua fé, inspirava os cristãos a um esforço renovado pela difusão de sua fé. Daí as célebres palavras do escritor Tertuliano (cerca do ano 200): “o sangue dos mártires é semente”. Ele também fez a seguinte afirmação dirigida aos pagãos:

Nós somos um grupo novo, mas já penetramos em todas as áreas da vida imperial – nas cidades, ilhas, vilas, mercados, e até mesmo no campo, nas tribos, no palácio, no senado e no tribunal. Somente lhes deixamos os templos (apologia 37)<sup>4</sup>.

---

<sup>2</sup> Ver relatos de perseguições e martírio em Eusébio de Cesaréia, *História eclesiástica: os primeiros quatro séculos da igreja cristã*. Rio de Janeiro: CPAD, 1999 e também em Justo L. González. *Uma história ilustrada do Cristianismo*. Era dos Mártires (Vol. 1). São Paulo: Vida Nova, 1998.

<sup>3</sup> Deiros (2005, p. 81) fala em torno de 10 mil pessoas mortas em decorrência dessas perseguições ressaltando que “isto em um império que contava com uns cinquenta milhões de pessoas em seu apogeu”.

<sup>4</sup> Recuperado em 19/12/2007 da página [http://www.vatican.va/holy\\_father/john\\_paul\\_ii/homilies/2001/documents/hf\\_jp-ii\\_hom\\_20010311\\_beatification\\_sp.html](http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/homilies/2001/documents/hf_jp-ii_hom_20010311_beatification_sp.html). *Sanguis martyrum, semen christianorum!* ¡La sangre de los mártires es semilla de nuevos cristianos! (Tertuliano, Apol., 50,13: CCL 1,171).



Assim, o cristianismo crescia espontaneamente por meio do testemunho de cristãos anônimos que, no seu dia-a-dia, compartilhavam informalmente a fé com seus parentes, amigos, vizinhos, conhecidos e colegas de trabalho.

## II - O Período da Igreja Imperial

Novos fatos aconteceram a partir do início do quarto século. Em primeiro lugar, houve o ingresso do primeiro imperador romano à fé cristã, Constantino. González (1997, p. 30) faz um interessante comentário sobre a conversão dos pagãos nesse período. Ele diz:

Quando algum pagão se convertia ele era submetido a um longo processo de disciplina e ensino, para ter certeza de que o novo convertido entendia e vivia sua nova fé, e então ele era batizado. O novo convertido, então, seguia seu bispo como guia e pastor, para descobrir o significado de sua fé nas situações concretas da vida.

O mesmo não ocorreu com o imperador Constantino<sup>5</sup>, ainda segundo González, que complementa:

O caso de Constantino foi bem diferente. Mesmo depois da batalha da Ponte Mílvio, e durante toda a sua vida, Constantino nunca se submeteu em nenhum aspecto à autoridade pastoral da igreja. Ele contava com o conselho de cristãos, como o erudito Lactâncio – tutor de seu filho Crispo – e o bispo Ósio de Córdoba – seu conselheiro para assuntos eclesiais – mas Constantino sempre se reservou o direito de determinar ele mesmo suas atitudes religiosas, pois considerava-se “bispo dos bispos”. Repetidamente, mesmo depois da sua conversão, Constantino participou de rituais pagãos que eram proibidos aos cristãos comuns, e os bispos não levantaram a voz em protestos e condenação, como teriam feito em qualquer outro caso (González, p. 30).

Porém, ressalte-se que o impacto da conversão de Constantino sobre a vida da igreja foi grande e sobre ela González (idem, p. 35) assim se referiu:

Naturalmente a consequência mais imediata e notável da conversão de Constantino foi o fim das perseguições. Até então os cristãos tinham vivido em constante temor de uma nova perseguição, mesmo em tempos de relativa paz. Depois da conversão de Constantino esse temor se dissipou. Os poucos governantes pagãos que houve depois dele não perseguiram os cristãos, somente tentaram restaurar o paganismo por outros meios. Tudo isso produziu em primeiro lugar o desenvolvimento do que poderíamos chamar de uma “teologia oficial”. Deslumbrados com o favor que Constantino evidenciava em relação a eles, não faltaram cristãos que se empenhavam em provar que Constantino era o eleito de Deus, e que sua obra era consumação da história da igreja.

---

<sup>5</sup> Sobre a conversão de Constantino, ver González (1997, pp. 15-46) e em Curtis *et al.*, *Os 100 acontecimentos mais importantes da história do cristianismo* (2003, pp. 35-38).



No fim do século 4, outro imperador, Teodósio, oficializou a Igreja Católica, tornando-a a única religião admitida no império. Deiros (2005, p. 84) comenta o fato:

Constantino chegou a ser o único imperador do Império Romano a partir de 323, depois de derrotar um de seus opositores, Licínio. No ano 325 fez uma exortação geral para que todo o povo do Império se tornasse cristão. Esta decisão influenciou grandemente a Teodósio o Grande, que começou a reinar em 378, e em 380 colocou o cristianismo como religião oficial do Império Romano.

Em 28 de fevereiro de 380, em Tessalônica, Teodósio promulgou um edito que dizia: “Todos os povos devem aderir-se a fé transmitida aos romanos pelo apóstolo Pedro e professada pelo pontífice Dámaso e o bispo Pedro de Alexandria, quer dizer, reconhecer a Santa Trindade do Pai, do Filho e do Espírito Santo” (ibidem).

Esse fato fez com que grandes levas de pagãos ingressassem na Igreja, nem sempre movidos pelas motivações mais corretas: “Prevaleceu, assim, na Igreja, grande massa de pagãos, imbuídos das idéias pagãs a respeito da religião e da moral, gente que de cristã tinha apenas o nome” (Nichols, 1992, p. 81).

O fato é que, no quarto e no quinto séculos, o cristianismo tornou-se a religião majoritária na parte sul do Império Romano. Com as migrações dos povos bárbaros para dentro dos limites do império, esses foram progressivamente cristianizados, a começar dos visigodos. A primeira tribo teutônica a aceitar a fé católica, ou seja, trinitária, foi a dos francos, no fim do quinto século. “Em vários países, o Cristianismo foi imposto pela força, pelos respectivos governos, e, às vezes, de modo bem cruel [...] em grande parte, o Cristianismo entrou pela força” (idem, p. 70).

Além disso, o cristianismo sofreu um tremendo ataque dos muçulmanos, como descreve Nichols (1992, p. 89):

Nos séculos 6 e 7, os conquistadores árabes haviam dominado a Síria, Palestina, parte da Ásia Menor, Mesopotâmia e Egito. O império oriental sofreu, desse modo, uma perda irreparável. Nunca mais a Igreja do Oriente chegou a ser tão forte quanto fora no passado. Apenas o resto da Ásia menor, a península dos Balcãs e a Grécia foram mantidos pelo império, de modo que a igreja ainda pôde se defender contra a maré do Islamismo.

As Cruzadas, grandes campanhas militares promovidas pelos cristãos europeus com a finalidade de recuperar os lugares sagrados do cristianismo que haviam caído em mãos maometanas, fez muito mais mal do que bem, deixando ressentimentos que perduram até hoje. Alguns autores referem-se a elas como a mais trágica distorção das missões cristãs em toda a história da Igreja

No entanto, “No ano 1200, apenas uma pequena parte da Europa estava fora da cristandade” (idem, p. 103). Com as perdas sofridas no Oriente Médio e no Norte da África, poderia parecer, à primeira vista, que o Cristianismo se tornara uma religião exclusivamente européia. Porém, esse não



foi o caso. Desde um período muito remoto, a fé cristã atingiu com maior ou menor intensidade vastas regiões da África ao sul do Saara, com o Sudão e a Etiópia, bem como importantes áreas do Oriente, como Índia, a Mongólia e a China.

### III - O Período Moderno e Contemporâneo do Crescimento da Igreja

O movimento missionário teve seu desenvolvimento desestruturado por fatos ocorridos no período compreendido entre os anos 500 e 1000, principalmente pela queda do Império Romano. Após esse período a igreja continuou seu ritmo de crescimento, voltando a ter no movimento missionário seu eixo propagador e ele se expandiu, fortalecendo-se pela pregação e ensino de evangelistas, pelo testemunho pessoal e por ações empreendidas pelos primeiros cristãos.

Durante a Idade Média, alguns fatos contribuíram fortemente para a expansão do movimento missionário. As Cruzadas, já citadas, iniciaram-se em 1096, estendo-se até 1291, e seus reflexos foram sentidos até 1492, com a expulsão definitiva dos mouros do sul da Europa, região tradicionalmente cristã. Ekström (2001, p. 38) cita os principais efeitos das Cruzadas:

- O fortalecimento da Intolerância diante dos que pensavam diferente (o espírito das Cruzadas) que fortemente marcou a oposição aos “heréticos” na Europa, durante a Idade Média;
- O surgimento de ordens monásticas militares;
- Uma mudança na atitude em relação à guerra aceitável quando em defesa da fé cristã;
- Mudanças políticas e econômicas como resultado das conquistas e das novas relações dentro do mundo mediterrâneo;
- Um crescente conflito entre as igrejas ocidental e oriental devido ao não respeito ao território de cada uma;
- O “mau testemunho na história”, cujas influências são sentidas ainda hoje no relacionamento entre cristãos e muçulmanos.

Outro movimento religioso que teve importância fundamental para a disseminação do movimento missionário foi a Reforma Protestante, iniciada por Martinho Lutero no século XVI, e que abalou os alicerces da Igreja de Roma, alcançando regiões importantes e originando diversas ramificações protestantes. Ekström (2001) ressalta algumas críticas aos reformadores no que se refere à ausência de uma visão missionária, evidente na falta de interesse de levar as descobertas da fé para outras partes do mundo conhecido até então<sup>6</sup>.

Um novo movimento, com caráter comercial e exploratório, contribuiu para a propagação e fortalecimento do movimento missionário no mundo: as Grandes Navegações.

As grandes descobertas geográficas ocorridas no fim do século XV e no começo do século XVI foram, principalmente, feitas por espanhóis,

---

<sup>6</sup> Depois de uma hesitação inicial, motivada por fatores conjunturais e teológicos, os protestantes também se envolveram gradativamente com missões estrangeiras, tendo se tornado tão ativos quanto os católicos.



portugueses e italianos. Mais tarde, ingleses, franceses, holandeses e dinamarqueses (e outros) iriam seguir os passos dos sul-europeus [...] Em todas essas expedições, os comandantes militares e exploradores levavam consigo representantes da Igreja a fim de cristianizar os povos que iam sendo descobertos e subjugados (Ekström, 2001, p. 54).

Em decorrência desses fatos, uma fé nova e dinâmica da expansão do cristianismo ocorreu nos séculos 15 e 16. Inicialmente, quem tirou maior proveito dos descobrimentos que as Grandes Navegações proporcionaram foi a Igreja Católica, que conquistou vastas regiões para a sua fé nas Américas, na África e na Ásia. Neste último continente, tornaram-se lendários os nomes de Francisco Xavier (Índia e Japão), Mateus Ricci (China) e Roberto de Nóbili (Índia). Todavia, essa expansão da fé cristã teve os seus percalços, porque os missionários vinham na esteira dos poderosos, dos conquistadores<sup>7</sup>.

Foi, porém, no período compreendido entre 1792 e 1914, denominado o Grande Século Missionário<sup>8</sup>, que as Missões encontraram terreno fértil para seu fortalecimento, principalmente no que diz respeito aos protestantes<sup>9</sup>. Contribuíram para esse fim, fatos históricos como a Revolução Francesa (1789), o Iluminismo, divulgação de religiões como o Hinduísmo, o Budismo e o Islamismo e a industrialização advinda do reconhecimento de novas matérias-primas oriundas dos países recém-descobertos (Ekström, 2001).

Nesse período, foram se estruturando sociedades missionárias com o objetivo de atender as novas configurações do mundo, que incluíam povos de diferentes etnias e credos e que as missões católicas, que não se adequaram à nova realidade, não conseguiram atender. Nasceram as denominadas Sociedades Missionárias, que tanto reuniam igrejas como particulares e grupos, e se solidificaram, adequando-se para atender as necessidades nascentes.

A partir de 1914, em pleno início do Século XX, conhecido como o século de grandes avanços científicos e sociais, as missões tiveram de adotar novos métodos.

O desenvolvimento da Missiologia e sua confrontação com outras ciências, como a Antropologia, fizeram com que novos rumos surgissem e o empreendimento missionário se preocupasse também com aspectos

---

<sup>7</sup> Caso particular foi o da América Latina, em que o processo de conquista e colonização, abençoado pela Igreja, deixou um rastro de destruição entre populações nativas. Somente se levantaram algumas poucas vozes de protesto, como foi o caso dos dominicanos Antonio de Montesinos, Francisco de Vitória, Antonio Valdivieso e especialmente Bartolomé de las Casas (1484-1566).

<sup>8</sup> Expressão atribuída ao historiador Kenneth Scott Latourette.

<sup>9</sup> Relata Ekström (2001, p. 93) que a primeira tentativa de uma missão protestante na América Latina "foi feita pelos huguenotes franceses [...] em 1555. Os franceses foram, no entanto, expulsos em 1567 e nada sobrou de seu empreendimento 'missionário'". Novas tentativas ocorreram em 1624 e 1654, desta feita por holandeses, mas que também resultou infrutífera. Há relatos de outras tentativas entre 1698 e 1700, no Panamá, por reformados escoceses. Porém, foi somente no início do século XIX que as primeiras igrejas protestantes efetivamente chegaram ao continente, por força da vinda de imigrantes alemães, ingleses, italianos e americanos, entre outros.



culturais, sociais, educacionais, de saúde etc. Não que esta preocupação faltasse completamente na obra de missionários anteriores [...] As próprias necessidades vividas pelo chamado Mundo dos Dois Terços (Terceiro Mundo) forçaram a adoção de novos métodos e a mudança de prioridades. Da mesma forma, a dificuldade de se entrar em algumas regiões do mundo, criou novos tipos de estratégias e novas categorias de missionários (Ekström, 2001, p. 76).

Foi essa a primeira vez na longa história da Igreja que o cristianismo se fez presente em todas as regiões do mundo, ainda que algumas áreas remotas dessas regiões tenham continuado sem a presença do evangelho. Alguns nomes bem conhecidos de missionários dessa época são David Brainer, William Carey, Adoniran Judson, Hudson Taylor e John Paton. Novamente, ao lado de esforços missionários cristãos sérios e bem-intencionados, tanto católicos e ortodoxos quanto protestantes, houve aspectos menos recomendáveis, como a associação entre as missões e o colonialismo, a excessiva identificação entre o cristianismo e a cultura ocidental, e a competição entre diferentes grupos cristãos.

O movimento missionário no continente latino-americano, em seus primórdios, foi eminentemente ligado a Igreja Católica Romana, que junto às expedições ao Novo Mundo, enviava missionários, padres e congregações, com o objetivo de “salvar as almas pecadoras”, que eram os habitantes indígenas.

As missões católicas foram caracterizadas, segundo Ekström (2001, p. 92), por: Imposição (a cristianização à força); Superficialidade (não atingiu a alma do povo) Sincretismo (proveitou-se de elementos religiosos já existentes e não fez clara distinção entre o cristianismo e o animismo).

O movimento missionário na América Latina é dividido em três fases distintas: (a) heróica (conversão e o batismo dos indígenas sem um critério pré-estabelecido); (b) missionária (ensinos mais sistemáticos sobre a doutrina e prática cristãs); (c) paroquial (com o estabelecimento de um sistema mais sólido).

Em decorrência, no continente latino-americano ficou enraizada a religiosidade imposta pela Igreja Católica Romana, que perdurou durante séculos, adotando uma nova configuração em tempos mais recentes, com a chegada das missões protestantes, como assinalado.

#### **IV - O Movimento de Crescimento da Igreja - MCI**

Outro movimento preocupado com o crescimento da igreja surgiu quando o ex-missionário na Índia, Donald McGavran, publicou em 1955, o famoso livro *Bridges of God* (As Pontes de Deus). A partir de então, o conhecido Movimento de Crescimento da Igreja – MCI tem se destacado e provocado muitos debates ao redor do mundo. As teses de McGavran foram divulgadas por Peter Wagner, seu discípulo, e tornaram-se conhecidas mundialmente.



Destaca-se no MCI o “princípio de unidade homogêneo”<sup>10</sup>, assim descrito por McGavran (2001, p. 237): “as pessoas gostam de ser cristãs, sem ter que cruzar barreiras raciais, lingüísticas ou socioeconômicas”. No contexto latino-americano, teólogos e missiólogos como Orlando Costas, René Padilha e Samuel Escobar, entre outros, têm criticado severamente o Movimento de Crescimento da Igreja da Escola de Fuller<sup>11</sup>.

Desmembramentos mais recentes da teoria de crescimento da igreja deitam raízes no chamado “avivamento coreano”. É dos nossos irmãos asiáticos que herdamos a idéia de “grupos familiares” ou “igreja em células”. É evidente que, nos dias atuais, temos vários desdobramentos e podemos falar de “igrejas em células” de vários matizes. Ainda no caudal teórico do crescimento das comunidades cristãs encontramos Rede Ministerial, G-12, grupos familiares, grupos de comunhão, grupos de discipulado, igreja celular, igreja com propósitos, e assim por diante.

É nosso intento fazer uma avaliação desse caudal de movimentos por entendermos que, com pequenas diferenças, todos eles seguem certos paradigmas que formam a base teórica que legitima a ação dos grupos em prol do crescimento das comunidades cristãs.

#### **- Aspectos Positivos do MCI**

Existem aspectos positivos nesse movimento que devem ser ressaltados: a descentralização de estruturas na organização das comunidades locais; a valorização do trabalho do leigo, respeitando-se o dom do trabalho de cada um; o fato de as comunidades deixarem de ser templocêntricas e espalharem-se pelos bairros e cidades, em grupos menores e familiares; a democratização de estruturas de poder, antes centralizadas na mão de um pastor ou líder.

#### **- Aspectos Negativos do MCI**

Por outro lado, pode-se assinalar também vários aspectos negativos, que carecem de mais atenção por parte da liderança da igreja. O pano de fundo ou lastro cultural que dá sustentação a esses movimentos é o *american way of life* (estilo de vida americano), travestido, em alguns casos, do *korean way of life* (estilo de vida coreano). Todos esses movimentos orientam-se pela idéia de quantidade, e não qualidade – o estilo capitalista de acúmulo e crescimento passa a ser entendido com valor teológico. O que importa é construir megaigrejas. Igreja grande é sinônima de bênção e sucesso. Há também a incorporação inescrupulosa de métodos utilizados na administração de empresas e, entre eles, pode-se citar o planejamento estratégico.

As igrejas históricas, por exemplo, são unânimes em reconhecer que o movimento G-12 apresenta propostas neopentecostais e incorpora práticas suspeitas em seus métodos. Essas práticas transitam desde lições superficiais de psicologia, regressão e cura interior até ocultismo e

---

<sup>10</sup> Ver Manual do Crescimento da Igreja, de Juan Carlos Miranda.

<sup>11</sup> Para mais detalhes, ver Missão Integral, de René Padilha.



paganismo. O referido movimento não suporta ainda uma análise bíblica séria e criteriosa, no que tange ao valor revelacional e normativo das Escrituras Sagradas.

É importante refletir seriamente sobre essas teorias de crescimento da igreja. Tomar como certo que é da natureza das comunidades cristãs o fator crescimento – assim lê-se nas Escrituras. Também é certo que os modelos tradicionais, centralizadores, templocêntricos e pastorcêntricos, já não funcionam mais. A Bíblia nos ensina a trabalhar com pequenos grupos e reuniões familiares – esse argumento é irrefutável. Contudo, algumas questões importantes precisam ser respondidas: que tipo de crescimento queremos para as nossas comunidades? O crescimento quantitativo apenas é suficiente? O crescimento visa à glória de quem? De Deus ou do Líder? O imenso crescimento quantitativo que se apresenta é acompanhado de compromisso com a fé e a doutrina? As pessoas são realmente transformadas em seu caráter e em sua ética?

A Igreja Adventista do Sétimo Dia não está livre dessas preocupações. A missiologia adventista dá forte ênfase ao crescimento numérico e hoje o número de fiéis chega a casa de 15 milhões no mundo, tendo o Brasil como o maior país adventista na atualidade com mais de um milhão e 300 mil membros.

#### **V - A IASD e os aspectos negativos da ênfase numérica**

Quais **aspectos negativos** podem trazer à Igreja Adventista do Sétimo Dia a ênfase numérica?

##### **- Trabalho Missionário Parcial**

A preocupação com a quantidade pode levar os obreiros à tendência de trabalhar só com classes desfavorecidas econômica, cultural e socialmente, por ser mais fácil alcançar o alvo, desprezando outras classes que também necessitam receber as boas novas de salvação. Diz Ellen G. White (1978, pp. 555-556): “Não se tem feito o esforço devido para atingir as classes altas. Ao passo que nos cumpre pregar o evangelho aos pobres, devemos apresentá-lo também, em seu mais atrativo aspecto, aos que são dotados de capacidade e talento”. Mas como realizar esse trabalho de “evangelização global” incluindo minorias raciais e classes sociais de difícil acesso, enquanto o critério de avaliar os obreiros forem os números de batismo?

##### **- Batismos sem Conversão**

Quando a ênfase são os números de batismo, almas são agregadas à Igreja sem o devido preparo ou conversão, com conseqüências danosas. Notem essas divergências apontadas por White (idem, p. 319):

A aquisição de membros que não foram renovados no coração e reformados na vida é uma fonte de fraqueza para a Igreja [...] muitos se unem a Igreja, sem primeiro se haverem unido a Cristo. Nisto satanás triunfa. Tais conversos são seus instrumentos mais eficientes. Servem de laço para outras almas.



Por que ufanar-se com a preocupação dos números se não é isso que o Senhor nos pede? A missão da Igreja é anunciar o evangelho a todas as gentes, por todos os meios possíveis, e com o devido senso de urgência, mais os resultados, queiramos ou não, pertencem a Deus. E Ele saberá cuidar da parte que Lhe pertence. Falando sobre a sementeira da Palavra, White (1998, p. 65) assim se pronunciou: “Não sabemos durante toda a vida qual prosperará, se esta ou aquela. Isso não é nossa alçada. Façamos nosso trabalho e deixemos os resultados com Deus”. Muda o nosso enfoque: em vez de nos alegrarmos somente quando os batismos são numerosos, alegrar-nos-emos até mesmo quando “um pecador se arrepende”, a exemplo do que acontece no Céu (Lc 15:7). A conversão de alma deixará de ser um número para ser um acontecimento transcendental, muito acima de qualquer valorização estatística.

#### **- Espírito de Competição**

A preocupação com a quantidade tende a promover na obra de Deus o espírito de competição. E esse método não é de Deus, mas do mundo. Qual a motivação divina para o trabalho de ganhar almas? Seria o desejo de alcançar números? Certamente que não. Embora, às vezes, os números se apresentem grandes, como a Pedro no dia do Pentecostes, ou pequenos, como a Noé, o único motivo genuíno do obreiro fiel é: “O amor de Cristo nos constrange” (II Cor. 5:14). White (2004, p. 652-653) declarou: “O Salvador não ordena aos discípulos que se ufanem para produzir frutos. Diz-lhes que permaneçam nEle [...] Vivendo em Cristo, aderindo a Ele por Ele sustentados, e dEle tirando a nutrição, darei frutos segundo a Sua semelhança”. Alguns, com ares de incredulidade, pensam que tal maneira de ver a obra levaria obreiros e membros à perda do fervor missionário, à inatividade e a uma vida puramente contemplativa. De modo algum, pois “O coração que mais plenamente descansa em Cristo será o mais zeloso e ativo no labor por Ele” (White, 1972, p. 71).

#### **- Alto índice de Apostasia**

Talvez seja esse o motivo que levou White (1969, p. 370) a fazer a seguinte declaração: “Deus ficaria mais satisfeito com seis pessoas inteiramente convertidas à verdade, do que com sessenta fazendo profissão de fé, mas não estando de fato convertidas”. Creio que os registros de avaliação de Deus não concordem exatamente com os nossos. Os frutos numéricos em pessoas agregadas podem aumentar, mas, talvez, não são frutos reais em almas salvas e alimentadas.

#### **- Desânimo e enfermidades**

É alto o número de pastores vitimados por doenças nervosas. Devido à constante expectativa de resultados imediatos, muitos obreiros sucumbem ante esse clima de contínua tensão. Para eles, o ministério vai perdendo o encanto, idealismo, tornando-se pesado fardo, e passam a almejar outro trabalho na obra, que lhes proporcione uma atmosfera mais natural de vida. Isso não é apenas uma suposição. É uma realidade que pode ser comprovada. White (2004a, p. 31 e 32) escreveu: “Fossem os algarismos indícios de êxito, Satanás poderia reclamar a preeminência, pois, neste mundo, os que



o seguem constituem a grande maioria. A virtude, a inteligência e a piedade do povo que compõe a nossa Igreja, não seu número, deveriam ser causas de alegria e gratidão”.

#### **V - Considerações Finais**

O crescimento da Igreja pode ser encarado por diferentes perspectivas. De um lado, os cristãos têm demonstrado ao longo dos séculos a preocupação de expandir a sua fé através do mundo, atendendo ao imperativo de Cristo. Esse crescimento teve aspectos apreciáveis, à medida que a fé cristã veio enriquecer a vida de muitos povos, trazendo a indivíduos, famílias e sociedades dignidade, esperança e maneiras mais construtivas de encarar a vida. O crescimento da Igreja muitas vezes teve um efeito benéfico e civilizado, trazendo consigo avanço cultural, educação, elevação do nível de vida e promoção humana em diversas áreas. Por outro lado, como foi apontado, esse crescimento muitas vezes está associado a atitudes questionadas pela própria ética cristã, como a violência, a ganância, o espírito de superioridade e o desrespeito pela integridade humana..

Uma questão problemática é ilustrada pelos movimentos de “crescimento da Igreja”, que se preocupam em atrair grandes números de pessoas, muitas vezes sem importarem com os métodos usados, caindo na falácia dos resultados rápidos, do uso de técnicas de marketing religioso, das estratégias pragmáticas, da rendição às expectativas de uma sociedade embriagada com a prosperidade do sucesso.

A preocupação da igreja deve estar voltada não somente para a quantidade mas também para a qualidade de seus membros. Não é acepção de pessoas. É evangelismo sério. Pessoas verdadeiramente convertidas, e não apenas números estatísticos. O crescimento da igreja em Jerusalém não foi exclusivamente numérico (At 1:15; 2:41; 4:4), acontecia o crescimento qualitativo (At 2:42-47). A igreja não pode esconder dos pecadores a necessidade de arrependimnto (Mt 16:24), do carregar diário da cruz (Mt 10:38), da obrigação de ser o sal da terra (Mt 5:13) e luz do mundo (Mt 5:14-16).



## REFERÊNCIAS

- Barret, David (1982). *World Christian Encyclopedia* (Vol. 4). New York: Oxford University Press.
- Barro, Jorge Henrique (2002). *De cidade em cidade – elementos para uma teologia bíblica de missão urbana em Lucas-Atos*. Londrina, PR, Brasil: Descoberta Editora.
- Bíblia Sagrada*. (2 ed.) (1993). Revista e Atualizada no Brasil. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil.
- Curtis, A.; Henneth. Lang; J. Stephen. Petersen, Randy (2003) *Os 100 acontecimentos mais importantes da história do cristianismo*. São Paulo, SP: Editora Vida.
- Deiros, Pablo A. (2005). *Historia del cristianismo: los primeros 500 años*. Buenos Aires, Argentina: Ediciones del Centro.
- Ekström, Bertil (2001). *História da Missão*. A história do movimento missionário cristão. Londrina, PR: Descoberta.
- González, Justo L. (1997). *Uma história ilustrada do cristianismo: a era dos gigantes*. São Paulo, SP: Edições Vida Nova.
- González, Justo L. (1998). *Uma história ilustrada do cristianismo: a era dos mártires*. São Paulo, SP: Edições Vida Nova.
- McGavran, Donald A. (2001). *Compreendendo o crescimento da igreja*. São Paulo, SP: Editora Sepal.
- Monteiro, Rafael Luiz (2004). *Discipulado: caminho de renovação e crescimento para a igreja*. Engenheiro Coelho, SP, Brasil: Unaspres.
- Nichols, Robert Hastings. (1992). *História da igreja cristã*. São Paulo, SP: Casa editora presbiteriana.
- Padilla, C.René (2005). *Missão integral*. Londrina, PR: Descoberta Editora.
- [www.unasp.edu.br/kerygma/artigo7.04.asp](http://www.unasp.edu.br/kerygma/artigo7.04.asp)



Tertuliano. *Sanguis martyrum, semen christianorum!* ¡La sangre de los mártires es semilla de nuevos cristianos! Recuperado em 19/12/2007 da página [http://www.vatican.va/holy\\_father/john\\_paul\\_ii/homilies/2001/documents/hf\\_jp-ii\\_hom\\_20010311\\_beatification\\_sp.html](http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/homilies/2001/documents/hf_jp-ii_hom_20010311_beatification_sp.html).

Miranda, Juan Carlos (1991). *Manual de crescimento da igreja*. São Paulo, SP: Edições Vida Nova.

White, Ellen G. (1969). *Obreiros Evangélicos*. Santo André, SP: Casa Publicadora.

White, Ellen G. (1972). *Caminho para Cristo*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira.

White, Ellen G. (1978). *Evangelismo*. Santo André: Casa Publicadora Brasileira.

White, Ellen G. (1998). *Parábolas de Jesus*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira.

White, Ellen G. (2004). *O desejado de todas as nações*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira.

White, Ellen G. (2004a). *Testemunhos para a igreja*. V. 5, Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira.